

# {SUPLEN- TAMENTO+O.

RICARDO CORONA E JOCA  
WOLFF TRADUZEM *aA MO-  
MENTO DE SIMETRIA DE  
ARTURO CARRERA + SEIS  
POEMAS INÉDITOS DE PAUL  
VALÉRY HOMENAGEM DE  
CLÁUDIO NUNES DE MORAIS*  
+ EXTINÇÃO POEMA DE RÉGIS  
BONVICINO.

BELO HORIZONTE, ABRIL DE 2006, Nº 1289 SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS



*Un poème épique est un poème  
Si on le raconte, on a ~~une~~*

*de théâtre est mon a  
Plus exactement - by the*

Paul Valéry (1871-1945), um dos maiores poetas do século XX, pode ser denominado poeta pensador. Entre os volumes de poemas que deixou, *Charmes* (1922) é considerado o mais importante, mas sua imensa obra, que inclui livros como *A alma e a dança*, *Monsieur Teste*, *Variedades*, *Degas Dança Desenho*, *Eupalinos* e *a Introdução ao método de Leonardo da Vinci*, é também composta dos intermináveis *Cahiers* (mais de 26.000 páginas manuscritas), cadernos onde anotava obstinadamente suas idéias sobre arte, poesia, ciência, filosofia, etc., registrando suas reflexões sobre a vida como "pensamento", a natureza do pensamento, seu funcionamento, seus limites.

Nesta edição de abril decidimos homenagear Paul Valéry, publicando seis de seus poemas, traduzidos de forma exemplar, quatro deles pela primeira vez em nossa língua ("Aurora", "Cântico das colunas", "Ode secreta" e "O remador"). O autor dessas traduções é o poeta Cláudio Nunes de Moraes, um dos principais tradutores da poesia de Valéry entre nós.

Num outro patamar, acalentado, talvez, pela revolução poética de Mallarmé e de outros poetas simbolistas do século XIX, Arturo Carrero constrói "aA momento de simetria", ponto em que "o tempo é zero e o espaço é atópico".

Apaixonado pelo isomorfismo, seus "múltiplos conteúdos" e códigos "escriturais" da noite estelar apontam para a impossibilidade de um "conteúdo" ou "referente" absolutos.

Régis Bonvicino, sempre brilhante, com sua poética sucinta, irônica e contundente, abala as certezas do leitor ao constatar que mesmo os mais dóceis dos animais são facilmente capturados e extintos.

Camila Diniz Ferreira  
Editora



CAPA E PÁGS. 8, 12 E 13:  
**VALÉRY, Paul. Cahiers.**  
Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1958 (tomo 5).

Paul Valéry em 1935, foto de Charles Leirens.  
In: Jarrety, Michel. *Paul Valéry*, Paris: Hachette, 1992.

O Suplemento Literário de Minas Gerais foi um dos projetos gráficos selecionados para mostra seletiva da 8ª Bienal de Design Gráfico, a ser inaugurada no dia 22 de junho de 2006, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Comemoramos, com este reconhecimento, a 12ª edição do jornal em sua nova etapa.  
(Nota da Editora)

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA** SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA **ELEONORA SANTA ROSA** SECRETÁRIO ADJUNTO **MARCELO BRAGA DE FREITAS** DIRETORA E EDITORA **CAMILA DE CASTRO DINIZ FERREIRA** PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** CONSELHO EDITORIAL **ÂNGELA LAGO + CARLOS BRANDÃO + EDUARDO DE JESUS + MELÂNIA SILVA DE AGUIAR + RONALD POLITO** EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA + FREDERICO MATOS + ROSÂNGELA CALDEIRA + SÉRGIO RICARDO** ESTAGIÁRIOS **LORENA LOPES + VALBER PALMEIRA + NATÁLIA DUTRA** JORNALISTA RESPONSÁVEL **MENOTI ANDREOTTI** (REG. PROF. 221665). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/ **FRANCISCO PEDALINO COSTA** DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA + **LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE** + **LIVRARIA OUIDOR**

{**SUPL**  
**EMEN+O.**

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo  
30130-180 Belo Horizonte MG  
Tel/fax: 31 3213 1073  
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

# PAUL VALÉRY

TRADUÇÃO CLÁUDIO NUNES DE MORAIS



LA confusion morose  
Qui me servait de sommeil,  
Se dissipe dès la rose  
Apparence du soleil.  
Dans mon âme je m'avance,  
Tout ailé de confiance :  
C'est la première oraison!  
À peine sorti des sables,  
Je fais des pas admirables  
Dans les pas de ma raison.

Salut! encore endormies  
À vos sourires jumeaux,  
Similitudes amies  
Qui brillez parmi les mots!  
Au vacarme des abeilles  
Je vous aurai par corbeilles,  
Et sur l'échelon tremblant  
De mon échelle dorée,  
Ma prudence évaporée  
Déjà pose son pied blanc.

Quelle aurore sur ces croupes  
Qui commencent de frémir!  
Déjà s'étirent par groupes  
Telles qui semblaient dormir :  
L'une brille, l'autre bâille;  
Et sur un peigne d'écaille  
Égarant ses vagues doigts,  
Du songe encore prochaine,  
La paresseuse l'enchaîne  
Aux prémisses de sa voix.

Quoi! c'est vous, mal déridées!  
Que faites-vous, cette nuit,  
Maîtresses de l'âme, Idées,  
Courtisanes par ennui?  
– Toujours sages, disent-elles,  
Nos présences immortelles  
Jamais n'ont trahi ton toit!  
Nous étions non éloignées,  
Mais secrètes araignées  
Dans les ténèbres de toi!

Ne seras-tu pas de joie  
Ivre! à voir de l'ombre issus  
Cent mille soleils de soie  
Sur tes énigmes tissus?  
Regarde ce que nous fîmes :  
Nous avons sur tes abîmes  
Tendu nos fils primitifs,  
Et pris la nature nue  
Dans une trame ténue  
De tremblants préparatifs...

Leur toile spirituelle,  
Je la brise, et vais cherchant  
Dans ma forêt sensuelle  
Les oracles de mon chant.  
Être! Universelle oreille!  
Toute l'âme s'appareille  
À l'extrême du désir...  
Elle s'écoute qui tremble  
Et parfois ma lèvre semble  
Son frémissement saisir.

Voici mes vignes ombreuses,  
Les berceaux de mes hasards!  
Les images sont nombreuses  
À l'égal de mes regards...  
Toute feuille me présente  
Une source complaisante  
Où je bois ce frêle bruit...  
Tout m'est pulpe, tout amande,  
Tout calice me demande  
Que j'attende pour son fruit.

Je ne crains pas les épines!  
L'éveil est bon, même dur!  
Ces idéales rapines  
Ne veulent pas qu'on soit sûr :  
Il n'est pour ravir un monde  
De blessure si profonde  
Qui ne soit au ravisseur  
Une féconde blessure,  
Et son propre sang l'assure  
D'être le vrai possesseur.

J'approche la transparence  
De l'invisible bassin  
Où nage mon Espérance  
Que l'eau porte par le sein.  
Son col coupe le temps vague  
Et soulève cette vague  
Que fait un col sans pareil...  
Elle sent sous l'onde unie  
La profondeur infinie,  
Et frémit depuis l'orteil.

# AURORE

À Paul Poujaud.

# AURORA

A Paul Poujaud.

UMA confusão queixosa  
Que de sono me servia  
Desde a aparência rosa  
Do sol se dissiparia.  
E minh'alma agora avança,  
Toda alada de confiança:  
É a primeira oração!  
Mal saída das areias,  
Admirável já passeia  
No limiar da razão.

Salve! ainda adormecidas,  
De sorrisos tão iguais,  
Similitudes amigas  
Que entre as palavras brilhais!  
No tumulto das abelhas  
Eu vos terei por corbelhas,  
E no trêmulo degrau  
De minha escada dourada  
A prudência evaporada  
Pousa o pé branco afinal.

Que aurora nessas garupas  
Que começam a fremir!  
Já se espreguiça e se agrupa  
Quem parecia dormir:  
Um boceja, outro se inflama;  
E sobre um pente de escamas  
Perdendo seus vagos dedos,  
Rente ao sonho, a tudo alheia,  
A preguiçosa o encadeia  
Ao clamor de seus enredos.

Quê?! Sois vós, mal amassadas!  
Idéias, da alma senhoras,  
Cortesãs entediadas,  
Que fizestes noite afora?  
"– Sempre sábias", dizem elas,  
"E imortais, somos aquelas  
Que, fiéis ao teto teu,  
Não foram jamais estranhas,  
E sim secretas aranhas  
Pelas trevas do teu eu!

Não te encherás de alegria,  
Vendo da sombra surgidos  
Cem mil sóis na rouparia  
Dos teus enigmas tecidos?  
Olha, olha o que fizemos:  
Em teu abismo estendemos  
Nossos fios primitivos,  
Apanhando a natureza  
Nua em tão tênue surpresa  
Trêmulos preparativos..."

Tal teia espiritual  
Eu destruo, e vou buscando  
Nesta floresta sensual  
O oráculo do meu canto.  
Ser! Universal ouvido!  
De alma inteira conduzido  
Ao extremo do desejo...  
Ela se escuta tremer  
E às vezes meus lábios vejo  
O seu tremor perceber.

Eis as videiras umbrosas,  
Berços de minha ventura!  
As imagens numerosas,  
Como o meu olhar procura...  
Toda folha aqui presente  
É uma fonte complacente,  
E um frágil rumor desfruto...  
Tudo é amêndoa, tudo é polpa,  
Nenhum cálice me poupa  
De esperar pelo seu fruto.

Eu não temo os espinheiros!  
O despertar, mesmo duro,  
É bom! Ideais rapineiros  
Não tornam ninguém seguro:  
Não há ao raptar um mundo  
Ferimento que, tão fundo,  
Não seja para o raptor  
Uma ferida futura,  
E o próprio sangue assegura  
Que ele é seu possuidor.

Aproximo a transparência  
De uma invisível bacia,  
Lá nada a minha Esperança  
Que a água pelo seio guia.  
Seu colo corta a hora vaga  
E sobreleva essa vaga  
Que faz um colo sem par...  
E Ela sente um liso mar  
De profundidade infinita,  
Da cabeça aos pés se agita.

# CANTIQUE DES COLONNES

À Léon-Paul Fargue.

DOUCES colonnes, aux  
Chapeaux garnis de jour,  
Ornés de vrais oiseaux  
Qui marchent sur le tour,

Douces colonnes, ô  
L'orchestre de fuseaux!  
Chacun immole son  
Silence à l'unisson.

– Que portez-vous si haut,  
Égales radieuses?  
– Au désir sans défaut  
Nos grâces studieuses!

Nous chantons à la fois  
Que nous portons les cieux!  
Ô seule et sage voix  
Qui chantes pour les yeux!

Vois quels hymnes candides!  
Quelle sonorité  
Nos éléments limpides  
Tirent de la clarté!

Si froides et dorées  
Nous fûmes de nos lits  
Par le ciseau tirées,  
Pour devenir ces lys!

De nos lits de cristal  
Nous fûmes éveillées,  
Des griffes de métal  
Nous ont appareillées.

Pour affronter la lune,  
La lune et le soleil,  
On nous polit chacune  
Comme ongle de l'orteil!

Servantes sans genoux,  
Sourires sans figures,  
La belle devant nous  
Se sent les jambes pures.

Pieusement pareilles,  
Le nez sous le bandeau  
Et nos riches oreilles  
Sourdes au blanc fardeau,

Un temple sur les yeux  
Noirs pour l'éternité,  
Nous allons sans les dieux  
À la divinité!

Nos antiques jeunesses,  
Chair mate et belles ombres,  
Sont fières des finesses  
Qui naissent par les nombres!

Filles des nombres d'or,  
Fortes des lois du ciel,  
Sur nous tombe et s'endort  
Un dieu couleur de miel.

Il dort content, le Jour,  
Que chaque jour offrons  
Sur la table d'amour  
Étale sur nos fronts.

Incorruptibles sœurs,  
Mi-brûlantes, mi-fraîches,  
Nous primes pour danseurs  
Brises et feuilles sèches,

Et les siècles par dix,  
Et les peuples passés,  
C'est un profond jadis,  
Jadis jamais assez !

Sous nos mêmes amours  
Plus lourdes que le monde  
Nous traversons les jours  
Comme une pierre l'onde!

Nous marchons dans le temps  
Et nos corps éclatants  
Ont des pas ineffables  
Qui marquent dans les fables...

DOCES colunas, os  
Chapéus do dia adornam  
Os passarinhos dos  
Caminhos que contornam

Doces colunas, mestras  
Dos fusos, uma orquestra!  
Cada um imolará  
Seu silêncio em coro, ah...

– Que carregais, tão altas,  
Iguais e radiosas?  
– Ao desejo sem faltas  
Graças estudiosas!

Juntas cantamos nós  
E que os céus sustentamos,  
Oh! Sábia e única voz,  
Para os olhos cantamos!

Vê que cândidos hinos!  
E que sonoridade  
Nossos límpidos trinos  
Tiram da claridade!

Tão frias e douradas,  
De nossos leitos fomos  
Pelo cinzel tiradas  
E hoje estes lírios somos!

De leitos de cristal  
Éramos despertadas,  
Depois aparelhadas  
Por garras de metal.

Para a lua afrontar,  
A lua e o sol até,  
Vieram nos lustrar  
Como as unhas do pé!

Serventes sem joelhos,  
Sorrisos sem figuras,  
E a bela em nosso espelho  
Sentindo as pernas puras.

Piamente parecidas,  
Nariz de olhos vendados  
E estes ricos ouvidos,  
Surdos ao branco fardo:

Nos olhos negros, templos  
Por toda a eternidade,  
Sem divinos exemplos  
Vamos à divindade!

Nossa antiga frescura,  
Sombria e bela face,  
Se orgulha da finura  
Que dos números nasce!

Dos números dourados  
Filhas, das leis do céu,  
Em nós dorme, tombado,  
Um deus da cor do mel.

O Mês dorme, de mês  
Em mês, contente, exposto  
E oferecido à mesa  
De amor em nossos rostos.

Irmãs incorruptivas,  
Meio frias-abrasantes,  
Tomamos por dançantes  
Folhas secas e brisas,

Por séculos afora,  
Os povos do passado,  
Em um profundo outrora,  
Outrora nunca achado!

Sob amores iguais,  
Pesando mais que o mundo,  
Atravessamos tudo  
Como pedras nas águas!

E pelo tempo, e andante,  
Nosso corpo brilhante  
Deixa inefáveis traços  
Nas fábulas, seus passos...

A Léon-Paul Fargue.

# CÂNTICO DAS COLUNAS

"Monde extérieur", signifie système d'éléments formant tels groupes - telles relations.

Les mêmes éléments ~~s'ils~~ par si, par quelque circonstance, <sup>ils</sup> n'entrent pas dans le système, s'ils sont ou isolés ou combinés selon d'autres règles ne font plus partie du "monde extérieur".

~~En particulier~~

Et ~~lors~~ il y a des éléments qui ne font jamais partie du système "monde extérieur".

~~Les~~ En particulier ceux qui sont nommés "Sentiments", - ou modes d'être - connaître sans frontière nette entre ces 2 catégories

de même les sensations qui par leur violence ou leur espèce même dépassent l'état de commencement de connaissance (qui est toujours leur état initial) et ~~se~~ se font indépendantes de l'évolution de la conscience. Comme la douleur.

Il arrive <sup>parfois</sup> alors et c'est très remarquable que tel mal se propose sous la forme d'un corps étranger. alors il y a comme violation du monde extérieur par dont le fonctionnement régulier est comme partiellement empêché. Notre géométrie et mécanique implicites en sont accusés et en troubles.



# LA DORMEUSE

À Lucien Fabre.

QUELS secrets dans son cœur brûle ma jeune amie,  
Âme par le doux masque aspirant une fleur?  
De quels vains aliments sa naïve chaleur  
Fait ce rayonnement d'une femme endormie?

Souffle, songes, silence, invincible accalmie,  
Tu triomphes, ô paix plus puissante qu'un pleur,  
Quand de ce plein sommeil l'onde grave et l'ampleur  
Conspirent sur le sein d'une telle ennemie.

Dormeuse, amas doré d'ombres et d'abandons,  
Ton repos redoutable est chargé de tels dons,  
Ô biche avec langueur longue auprès d'une grappe,

Que malgré l'âme absente, occupée aux enfers,  
Ta forme au ventre pur qu'un bras fluide drape,  
Veille; ta forme veille, et mes yeux sont ouverts.

## A JOVEM ADORMECIDA

A Lucien Fabre.

QUE segredos no peito queima a minha amiga,  
Alma por doce máscara aspirando uma flor?  
Por quais vãos alimentos seu ingênuo calor  
É a irradiação de uma mulher adormecida?

Sopro, sonhos, silêncio, invencível fadiga,  
Tu triunfas, ó paz mais possante que um pranto,  
Quando de um pleno sono as ondas graves tanto  
Conspiram sobre o seio de tal inimiga.

Dormes, dourado acervo de sombras e abandonos,  
Teu repouso é temível, cheio de tais dons,  
Ó corça ao pé de um cacho e em tão longo cansaço,

Que apesar da alma errante, por infernais desertos,  
Tua forma ao ventre puro, que veste um fluido braço,  
Vela. Tua forma vela. E meus olhos, abertos.

DURES grenades entr'ouvertes  
Cédant à l'excès de vos grains,  
Je crois voir des fronts souverains  
Éclatés de leurs découvertes!

Si les soleils par vous subis,  
Ô grenades entre-bâillées,  
Vous ont fait d'orgueil travaillées  
Craquer les cloisons de rubis,

Et que si l'or sec de l'écorce  
À la demande d'une force  
Crève en gemmes rouges de jus,

Cette lumineuse rupture  
Fait rêver une âme que j'eus  
De sa secrète architecture.

# LES GRENADES

DURAS romãs entreabertas  
Cedendo a excessivas sementes,  
Eu vejo em tantas descobertas  
Soberanas fronte ardentes!

Se os sóis a que vós resistis,  
Ó granadas entrefechadas,  
Vos fazem de orgulho lavradas  
Rachar paredes de rubis,

E se, ouro seco, a casca acode  
A um pedido de força e explode  
Em gemas de sumo carmim,

Nessa luminosa ruptura  
Sonha uma alma que havia em mim  
Com sua secreta arquitetura.

# AS ROMÃS

a - b

$PT = SB$   
 $Pc = BT + HS$   
 $\frac{Pc}{c} = \frac{SB + HS}{c}$

$\frac{a-b}{a} = i$   
 $\left(\frac{i^2+i}{2}\right) \times 1000 \times \frac{2}{100}$   
 $(i^2+i) \times 10$   
 $\frac{a^2+b^2 - iab + d^2}{c^2} = \left(\frac{a^2-ab}{c^2} \times 10\right)$

$\frac{30^2 \times 1000^2 - 30 \times 5 \times 1000^2}{5 \cdot 1000^2}$   
 $\frac{30^2 - 5 \cdot 30}{5}$

$SH' = BH' + SB'$   
 $SH' = SO' + HO'$   
 $B'H_1 H_0 = CO$

$CD = Hc$   
 $\frac{CH}{SP} = \frac{H_1 H_0}{c} = \frac{a-b}{c}$

$2c^2 = d^2$   
 $d = c\sqrt{2}$   
 $\frac{d}{2} = \frac{c\sqrt{2}}{2} = \frac{c}{\sqrt{2}}$   
 $p = \frac{d}{2} + \frac{c}{2} = \frac{c+d}{2} = \frac{c(1+\sqrt{2})}{2}$

Le quantum du présent.

Le quantum est. Mais le nombre d'objets est indéterminé  
 on peut remplacer un objet du quantum par 2 -  
 mais ce nombre ne peut être ni 0 ni 1.

En d'autres termes, on a  $g(h) = g(5) = g(a) \dots$   
 de même l'ordre du présent est indéterminé.

$f(0_1) = f(0_2) = f(0_n)$

Le présent est le simultané dont un des termes est "moi",  
 dont mon corps est l'un des termes - d'un des termes est constant  
 action et réaction.

ou alternativement moi et  
 un objet non moi?

Tout système de chose ne peut constituer un procès  
de "moi", le "Corps" - en le terme (absolu) -  
c'est le zéro.

ou avec  $A + C = 0$ .  
C et 0 définissent le point

et yyy

Tout ce qui n'est pas commandé immédiatement par la  
conservation de la vie, par le besoin, le douleur -

Tout ce qui n'est borné, sanctionné visiblement par la  
sensibilité.

(Forme un domaine libre, spéculatif, sans conséquence -  
et arbitraire - (le artificiellement et autres sanctions  
se sont installés: vanité, croyances.

Et dans ce domaine <sup>libre</sup> / soit libre - et si on y introduit des  
divisions et des sanctions, qu'elles soient très pures.

Soit libre - c.à.d. - toutes les combinaisons.

Le désir est une modification locale qui tend à s'étendre  
par tout moyen et par conséquent à gagner agiter  
tout l'être. L'agitation croît, s'étend et se renouvelle  
avec le temps - c'est à dire avec l'absence de satisfaction

La satisfaction ou réalisation consiste dans l'accomplisse-  
ment d'un acte dont l'objet du désir est une  
pièce nécessaire, et cet accomplissement absorbe  
l'énergie libre mise en jeu, dégagee par .., ou la vie,  
l'odeur, ou l'idée, ou l'heure ou quelque autre  
fait ~~non~~ perçu, ~~perceptible~~ <sup>ou non</sup> accident, rencontre  
ou, au contraire, loi, habitude, modification du milieu  
externe ou interne..

# ODE SECRÈTE

CHUTE superbe, fin si douce,  
Oubli des luttas, quel délice  
Que d'étendre à même la mousse  
Après la danse, le corps lisse!

Jamais une telle lueur  
Que ces étincelles d'été  
Sur un front semé de sueur  
N'avait la victoire fêté!

Mais touché par le Crépuscule,  
Ce grand corps qui fit tant de choses,  
Qui dansait, qui rompit Hercule,  
N'est plus qu'une masse de roses!

Dormez, sous les pas sidéraux,  
Vainqueur lentement désuni,  
Car l'Hydre inhérente au héros  
S'est éployée à l'infini...

Ô quel Taureau, quel Chien, quelle Ourse,  
Quels objets de victoire énorme,  
Quand elle entre aux temps sans ressource  
L'âme impose à l'espace informe!

Fin suprême, étincellement  
Qui, par les monstres et les dieux,  
Proclame universellement  
Les grands actes qui sont aux Cieux!

# ODE SECRETA

QUEDA soberba, fim tão doce,  
Olvido das lutas, o liso  
Corpo sobre o musgo, estendendo-se  
Depois da dança, ó paraíso!

Sob as centelhas do verão  
Um rosto de suor molhado,  
Jamais tal iluminação  
Havia a vitória louvado!

Mas, tocado pelos crepúsculos,  
O corpo que fez tantas coisas,  
Que dançava, que rompeu Hércules,  
É só essa massa rosas!

Dorme, sob os passos dos sóis,  
Triunfante aos poucos desunido,  
Tua Hidra, inerente aos heróis,  
Se desdobrou ao infinito...

Oh! que Touro, que Cão, que Urso,  
Que objetos de vitória enorme,  
Quando entra em tempos sem recurso,  
A alma impõe ao espaço informe!

Fim supremo, resplandecente,  
Que, pelo monstro e pelo deus,  
Proclama os universalmente  
Grandes atos que estão nos Céus!

PENCHÉ contre un grand fleuve, infiniment mes rames  
M'arrachent à regret aux rians environs;  
Âme aux pesantes mains, pleines des avirons,  
Il faut que le ciel cède au glas des lentes lames.

Le cœur dur, l'œil distrait des beautés que je bats,  
Laisant autour de moi mûrir des cercles d'onde,  
Je veux à larges coups rompre l'illustre monde  
De feuilles et de feu que je chante tout bas.

Arbres sur qui je passe, ample et naïve moire,  
Eau de ramages peinte, et paix de l'accompli,  
Déchire-les, ma barque, impose-leur un pli  
Qui coure du grand calme abolir la mémoire.

Jamais, charmes du jour, jamais vos grâces n'ont  
Tant souffert d'un rebelle essayant sa défense :  
Mais, comme les soleils m'ont tiré de l'enfance,  
Je remonte à la source où cesse même un nom.

En vain, toute la nymphe énorme et continue  
Empêche de bras purs mes membres harassés;  
Je romprai lentement mille liens glacés  
Et les barbes d'argent de sa puissance nue.

Ce bruit secret des eaux, ce fleuve étrangement  
Place mes jours dorés sous un bandeau de soie;  
Rien plus aveuglément n'use l'antique joie  
Qu'un bruit de fuite égale et de nul changement.

Sous les ponts annelés, l'eau profonde me porte,  
Voûtes pleines de vent, de murmure et de nuit,  
Ils courent sur un front qu'ils écrasent d'ennui,  
Mais dont l'os orgueilleux est plus dur que leur porte.

Leur nuit passe longtemps. L'âme baisse sous eux  
Ses sensibles soleils et ses prompts paupières,  
Quand, par le mouvement qui me revêt de pierres,  
Je m'enfonce au mépris de tant d'azur oiseux.

# LE RAMEUR

À André Lebey.





DEBRUÇADO sobre um grande rio, meus remos  
Infinitos me arrancam, com pesar, de arredores  
Risonhos. Alma a empunhar lâminas, eu remo;  
É preciso que o céu ceda a esses lentos dobres.

Coração duro, olhar alheio a tanto encanto,  
De anéis de ondas que se formam me circundo  
E quero a largos golpes romper o ilustre mundo  
De folhas e de fogo que baixinho canto.

Árvores por que passo, ampla e ingênua nuança,  
Ramos pintando as águas, e a paz do realizado,  
Rasga-os, ó minha barca, impõe-lhes um curvado  
Surgir da grande calma abolindo a lembrança.

Nunca, encanto do dia, vossa graça sofreu  
Tanto de um rebelde tentando sua defesa:  
Porém, como os sóis me tiraram da infância, eu  
Remonto à fonte onde até mesmo um nome cessa.

Em vão, toda a ninfa impede, enorme e contínua,  
Com braços puros os meus membros fatigados;  
Romperei lentamente mil laços gelados  
E as barbas de prata de sua potência nua.

Secreto, o som das águas; o rio, estranho, lança  
Uma venda de seda aos meus dourados dias;  
Nada mais cegamente cansa a antiga alegria  
Que um som de fuga igual e nenhuma mudança.

Sob aneladas pontes a água me transporta,  
Abóbadas de noite, de murmúrio e de vento  
Sobre a frente que esmagam de aborrecimento,  
Mas cujo osso é orgulhoso, mais duro que suas portas.

A noite passa, longa. A alma põe em repouso  
Os seus sensíveis sóis e as suas prontas pálpebras,  
E, enquanto um movimento me reveste de pedras,  
Afundo no desprezo por tanto azul ocioso.

# O REMADOR

A André Lebey.

Os seis poemas de Paul Valéry aqui publicados pertencem ao livro *Charmes*. (Nota da editora.)

CLÁUDIO NUNES DE MORAIS Músico e poeta, autor de *Xadrez via correspondência* (Sette Letras, 1997), traduziu uma série de poemas de Paul Valéry (revista *Cacto*, 2003) e, em parceria com Rogério Silveira Muoio, o *Dicionário abreviado do surrealismo*, de André Breton e Paul Éluard (edição especial do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 1986).

# aA

## momento de simetria arturo carrera

Tradução Ricardo Corona e Joca Wolff

O momento de simetria é o ponto em que "o escriba desapareceu". É o zero que plenificam – que estiram, que amplificam – os vivos e os mortos. Os vivos com os mortos. É o apogeu da vida do "infans". Esse momento em que a linguagem está hibernando. Espaço (atópico) em que os sentidos se ocultam porque aparece, "bela, mas desarmônica", a fada do Ausente – o sentido, a morte. Momento de absoluta mimese. O tempo nele é zero.

Cada partícula de escritura possui pontos terminais simétricos (visíveis ou não) em relação ao momento de simetria em que o tempo é zero. Se o tempo é medido no sentido de *afastamento deste momento*, o universo se expande segundo a leitura da figura para a direita, "e também quando (*essa leitura*) progride para a esquerda. Somente quando se considera o tempo desta forma é que as partículas se criam. Não obstante, se consideramos o tempo avançado da esquerda para a direita, em ambos lados de  $t=0$ , o universo se contrai à esquerda de  $t=0$  e se criam partículas. Estas considerações se invertem se escolhermos ver o tempo da direita para a esquerda" (Fred Hoyle).

Penso que, meus informes mostram, outra vez mais, certa paixão (por que não certa "atração apaixonada"?) pelo isomorfismo. Aqui, o código do estado-estável é

transformado – representado – por outros códigos a tal ponto que a "mensagem" cosmológica se torna um esfumado. De nenhum modo uma interpretação a mais de dita cosmologia – que não pretendo. É, antes, por isomorfia, uma anamorfose cosmográfica.

Deste modo se explica como múltiplos *conteúdos*, dispersos em múltiplos códigos – escritura da noite –, podem participar do discurso poético sem que nenhum deles em particular seja "o conteúdo" ou "o referente absoluto".

Quanto ao código cosmológico, gostaria de acrescentar algo mais. Sua assimilação é antes a ativação de um método de escritura, de observações macro-microscópicas. Mas seu funcionamento é regido, talvez, pelo que Lévi-Strauss chama de "coerência dos códigos formulados na linguagem da sensibilidade". Os mitos, segundo ele, têm como suporte uma "lógica das qualidades sensíveis, que não estabelece distinção definitiva entre os estados da subjetividade e as propriedades do cosmos". (Assim, 7 adolescentes que pediram comida e lhes foi negada, fabricaram um tambor e iniciaram uma dança, nus, dançando sobre a folhagem dourada, até que começaram a se elevar pelos ares, sempre dançando, cada vez mais alto: é a origem das Plêiades segundo a versão wyandot.<sup>1</sup>) E esta lógica corroe a

história da literatura e da arte através do espaço-tempo. Também meus textos, agora, são suas "linhas nebulares", seus "brancos invisíveis".

/esta figura é uma homenagem a Alejandra Pizarnik, a "viajante fascinada", a "blue straggler" de nosso Universo poético

/surgiu da contemplação de um gráfico de Fred Hoyle, de sua conferência sobre a cosmologia do estado-estável, na Califórnia (1964)

/e de uma preciosa sugestão (os astrônomos diriam "de uma riqueza celeste") de Chiquita Gramajo, enquanto folheava meus livros de astronomia: "alejandra está em Andrômeda". Andrômeda é a galáxia gêmea de nossa Galáxia, em que se repetem aproximadamente as dimensões, o número de estrelas e as categorias astrais

/concentrei minha atenção sobre o *Momento de simetria*, ponto em que acreditei me reunir com Alejandra

/e as observações de Severo Sarduy sobre a busca do "objeto parcial": "a" (seio materno, OURO, olhar, voz), que reina em todo texto barroco ou neobarroco.<sup>2</sup>

**RICARDO CORONA** é autor, entre outros, dos livros de poesia *Cinemaginário* (1999), *Corpo sutil* (2005), *Tortografia*, em parceria com Eliana Borges (2003), editados pela Iluminuras; do CD de poesia *Ladrão de fogo* (Medusa, 2001). Organizou a antologia *Outras praias/Other Shores* (Iluminuras, 1998). Traduziu em parceria com Joca Wolff o livro desdobrável *Momento de simetria*, de Arturo Carrera (Medusa, 2005). Entre outras antologias, integra a *Cities of Chance: New Poetry from the United States and Brazil* (Rattapallax, New York, EUA, 2003).

A busca inútil desse objeto (a) é o que justifica – ou não – a presença do suplemento, da dissipação de signos, de *indicadores* que, segundo Sarduy, "intervêm para constatar um fracasso": a perda desse objeto (a) que não se pode representar e que "resiste a franquear a linha da Alteridade" – A maiúsculo segundo a designação de Jacques Lacan. Daí todo esse falatório excremental, esse vapor aurífero que emana de toda obra barroca. E esse andaime de ouro, labiríntico, que "ocupamos" os decaídos nessa "linha proibida"

/e a paixão de Alejandra pela textura das palavras, seus brinquedos sepulcrais, que para ela, segundo comprovei, se tornaram ossinhos planos, e mais ainda: olhinhos que a intimidavam. Um dia me disse: "morrerei afogada, Arturito, uma palavra me sufocará"

## AC

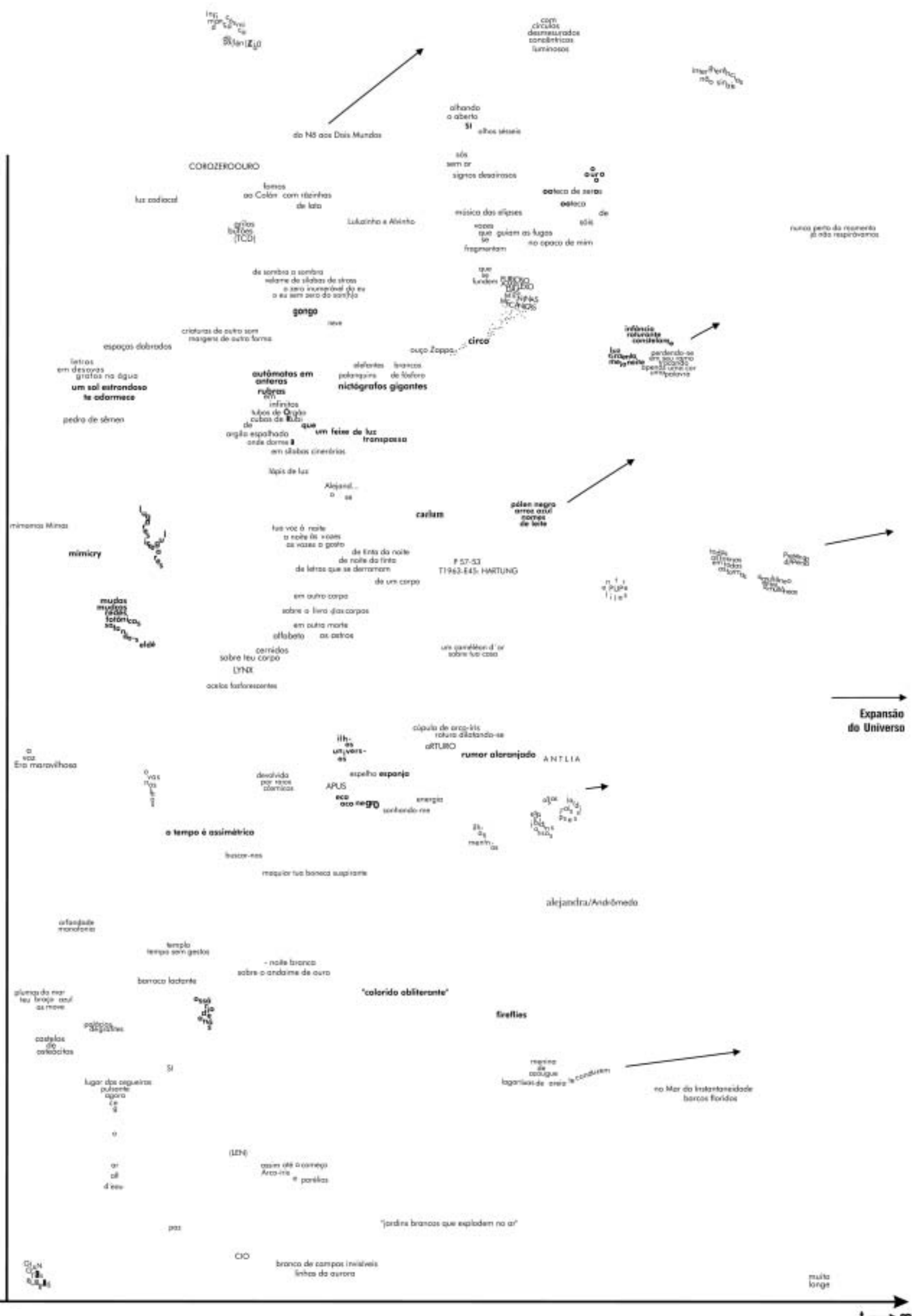
<sup>1</sup> No Chaco, há um mito similar: os índios subiam numa árvore até o céu em busca de mel e pescado. Uma velha que pediu um pouco de comida, sendo-lhe negada, ateou fogo na árvore. Os índios que ficaram no céu, transformados em estrelas, formaram a constelação das Plêiades.

<sup>2</sup> Cf. "Barroco e neobarroco", por Severo Sarduy, em *América Latina en su literatura*, Siglo XXI Editores, México, 1972. E também *BIG BANG*, por Severo Sarduy, Fata Morgana, Paris, 1973 (ed. bilíngüe). Livro, este último, que acrescentará certamente a meus textos mais informações poéticas, cósmicas.

Por razões de limite na sua reprodução gráfica, o poema *aA. Momento de Simetria* (págs. 20 e 21), teve que ser diagramado sobre fundo branco, ao contrário do original. (NT)

**JOCA WOLFF** é autor de *Mário Avancini. Poeta da pedra* (biografia, 1996), *Julio Cortázar. A viagem como metáfora produtiva* (ensaio, 1998) e *Pateta em Nova York* (poesia, 2002), todos publicados pela Editora Letras Contemporâneas, de Florianópolis. Traduziu *Como se lê e outras intervenções críticas*, do argentino Daniel Link (2002) e *As formações do moderno*, do uruguaio Carlos Real de Azúa (no prelo), para a editora Argos, de Chapecó. Mestre e doutor em Teoria Literária pela UFSC, é professor do curso de Comunicação Social da Unisul.





# RAUL ANTELO

## CARRERA, Arturo – aA. Momento de simetria

A poética de Arturo Carrera (Argentina, 1948), um dos poetas, sem dúvida, mais importantes da América Latina, parte de uma experiência com a linguagem que ele mesmo chama de *surpresa ou assombro*. Essas suas *animações suspensas* representam de fato autênticas buscas do saber, não raro, arqueológicas.

Há uma cena recorrente em seus poemas: a visita a uma *laguna* (uma lagoa mas também uma lacuna, um *lapsus*) de modo tal que, graças à memória (ou à amnésia, tanto faz) visitar esse lugar é visitar um outro tempo. Um buraco temporal. Essa opção nos permite concluir, à maneira de uma precursora, Alejandra Pizarnik, mas antes dela, de Mallarmé, que ninguém percebera antes esse lugar simplesmente porque ele não existia. Foi criado pelo evento. Nada terá lugar, salvo o lugar. Ler a galáxia leva, então, à descoberta, por exemplo, de que Alejandra (a estrela) está em Andrômeda, a galáxia gêmea de nossa galáxia, onde aquilo que nos é familiar torna-se, entretanto, estranho e inquietante.

Nessa poética do evento, Carrera é um poeta que lê. Percorre as galerias do Museu de Ciências Naturais de La Plata, e descobre, numa réplica da lagoa, a imagem de uma pisada infantil de 6000 anos. Lê mais tarde René Thom e descobre que sem esse assombro dos “olha aí”, “oi”, pura e simplesmente não existiríamos como sujeitos. Dessa experiência complexa nasceu um de seus livros mais significativos, *El vespertillo de las Parcas*.

Mas, a seu modo, aA. Momento de simetria, cuja tradução vem circulando como encarte do quarto número da revista de poesia e arte *Oroboros* de Curitiba, também nasce nesse museu. Um antropólogo hoje meio esquecido, Roberto Lehmann-Nitsche, dedicou-se, a partir de 1918, a coletar relatos indígenas. Transcrevia a leitura que diversas culturas faziam do céu. As estrelas, em sua dispersão, configuravam constelações e essas constelações detonavam, por sua vez, relatos e identidades. Um dos relatos recolhidos é justamente o de Macunaíma, muito antes até que Mário de Andrade sonhara em escrevê-lo.

Ora, ao ler estrelas, o antropólogo estava simplesmente aplicando o método mallarmaico de ler o ilegível, aquilo que se encontra potencializado à altura de um céu estrelado. Dessa premissa também retirou Walter Benjamin um método de leitura cultural. Quase cinquenta anos depois, Arturo Carrera, leitor do abstracionismo e da arte concreta, compôs um de seus primeiros poemas como um momento de simetria entre um passado que não cessa de passar e um futuro já escrito nas estrelas.

Nesse Children’s corner do real, Carrera associa o trabalho do poeta a um assombro sem voz, como se a linguagem, sem matéria própria, fosse apenas um ato de assinalar com o dedo:

aqui, assim. A poesia para Carrera é, portanto, um devir-criança que recusa o estímulo físico para aprofundar o sublime, a busca do objeto (a).

Autor de *Escrito con un nictógrafo* (1972), aA. Momento de simetria (1973), *Oro* (1975), *La partera canta* (1982), *Ciudad del colibrí* (1982), *Mi padre* (1983), *Arturo y yo* (1984), *Animaciones suspendidas* (1986), *Nacen los otros* (1993), *La banda oscura de Alejandro* (1994) *El vespertillo de las Parcas* (1997), *Tratado de las sensaciones* (2001), *Carpe diem* (2003) e *Potlatch* (2004), Arturo Carrera sustenta que o poeta faz seus próprios gestos fósseis, como um gato que enterrasse sua sujeira. Nesse gesto de cobrir (descobrir) o primordial se produz a busca da poesia que se assemelha, a seu ver, àquilo que já foi observado por Freud, que o encanto de uma criança, de uma enunciação-criança, repousa, em grande parte, no fato de ela ser inacessível. Basta-se a si própria. Essa experiência de poesia e infância acontece também com os gatos, que nem ligam para nós.

A questão, portanto, é recuperar a vida nua. Não por acaso, Nietzsche queria desvencilhar-se da metáfora porque acreditava que só através do esquecimento e da crença na singularidade irreduzível, o homem esqueceria também as suas determinações e poderia, mais livremente, deparar-se com o enigma. Arturo Carrera inscreve-se, junto a Giorgio Agamben, nessa linhagem.

Não é que Carrera ame as crianças. Não há nada de piegas em sua poética. Mas a dicção *infans* (que não fala) é uma forma de construir o evento poético e de elaborar uma teoria do poeta na cidade. Nele a sensação é o sentido dos afetos. Para Carrera, tradutor de Michaux e Bonnefoy, cada poema é, fundamentalmente, um problema afetivo. É inseparável das metamorfoses e das filiações. Das fusões e dispersões. Mas ao mesmo tempo é inseparável do dinheiro. É ele que determina a liga, o amálgama que põe as disseminações em contato. É anagramático. Lê-se para atrás e para adiante, como *Oroboros*. *Oro* é, sintomaticamente, o título do livro posterior a *Momento de simetria*. O ouro, i.e, o dinheiro (mas também a linguagem) estratifica para medir mas mede para ocupar o espaço liso da poesia. Um espaço (e um tempo) incomensuráveis.

O momento de simetria é justamente o desse paradoxo: ler o que ainda não foi escrito. Na esteira de Haroldo de Campos, Sérgio Alcides, Josely Vianna Baptista ou Carlito Azevedo, agora, Ricardo Corona e Joca Wolff conseguiram a proeza de traduzir esse texto impossível, uma das grandes aventuras da linguagem contemporânea.

RAUL ANTELO leciona literatura na Universidade Federal de Santa Catarina. É autor, entre outros, de *Potências da imagem* (2004).



### ALONGAMENTO

Sérgio Medeiros

(São Paulo: Ateliê Editorial, 2004)

Os versos do livro de Sérgio Medeiros, seu segundo livro de poemas, apreciado pela crítica de diversos Estados do Brasil, inserem-se num movimento de procura - e não de utopia - que desaguam num movimento de "muitas canoas", metáfora utilizada pelo autor em seu prefácio. Essa diversidade de um olhar inquietante cria efeitos visuais e um movimento poético capazes de provocar o leitor perspicaz em suas leituras.



### CONTOS

Afonso Arinos

(São Paulo: Martins Fontes, 2006)

A obra é uma coletânea composta por três partes: Pelo Sertão, Histórias e paisagens e A rola encantada, que, pela primeira vez, configura entre *Contos*, de Afonso Arinos. Este conto inédito foi publicado na revista *D.O. Leitura*, em 1990, por Adilson Odair Citelli que descobriu o manuscrito perdido na pasta de Aluizio de Azevedo na Biblioteca Nacional.



### MINHAS DUAS ESTRELAS

Pery Ribeiro

São Paulo: Editora Globo, 2006

As memórias do filho de dois mitos da música brasileira, Dalva de Oliveira e Herivelto Martins, compõem-se de relatos desafiadores da vida ao lado de seus pais, ao revelar "detalhes quase inconfessáveis" - segundo seu prefaciador Ruy Castro - e bastante conturbados dessas personalidades mitológicas da época de ouro do rádio e da música popular brasileira.



### ORA (DIREIS) PUXAR CONVERSA!

Silviano Santiago

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

Numa interlocução entre gerações, os ensaios de Silviano Santiago usam da transgressão e da ousadia para reinterpretar obras e personagens canônicas e dar vida a gêneros, normalmente, marginalizados pela crítica. O enfoque pós-moderno reforça a dissonância dos textos analisados que alcançam, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Lolita, Lévi Strauss e também Amerika.



### O INIMIGO DO REI

Uma biografia de José de Alencar

Lira Neto

São Paulo: Editora Globo, 2006

Através de textos inéditos em livro, de folhetins do século XIX que foram renegados pelo autor e que, no entanto, são essenciais para a compreensão dos rumos de sua obra, o leitor conhecerá uma nova face de José de Alencar: irrequieto, sarcástico, bem-humorado e polemista, bem distante dos estereótipos através dos quais é lembrado.

# EXTINÇÃO

RÉGIS BONVICINO

O lobo-guará é manso  
foge diante de qualquer ameaça  
é solitário  
avesso ao dia, tímido

detesta as cidades  
para fugir do ataque  
cada vez mais inevitável  
dos cachorros

atravessa estradas  
onde quase sempre é atropelado  
onívoro, com mandíbulas fracas  
come pássaros, ratos, ovos, frutas

às vezes, quando está perdido,  
vasculha latas de lixo nas ruas  
engasga ao mastigar garrafas  
de plástico ou isopores

se corta e ou morre ao morder  
lâmpadas fluorescentes  
ou engolir fios elétricos  
morre ao lambar inseticidas

ou restos de tinta  
ou ao engolir remédios vencidos  
ou seringas e agulhas  
descartáveis

dócil, sem astúcia,  
é facilmente capturado e morto  
por traficantes de pele  
quando então uiva

{ Régis Bonvicino, poeta e tradutor, publicou, dentre outros livros, *Remorso do Cosmos (de ter vindo ao sol)*, S. Paulo: Ateliê Editorial, 2003, e, atualmente, edita a revista *Sibila*, de poesia e cultura, S. Paulo: Ateliê Editorial.